

SAUSSURE, BENVENISTE E GREIMAS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE “EU” E “TU”

Dener Gabriel Ferrari*

 <http://orcid.org/0000-0003-2897-6366>

Lovania Roehrig Teixeira**

 <http://orcid.org/0000-0001-9614-8648>

Como citar este artigo: FERRARI, D. G.; TEIXEIRA, L. R. Saussure, Benveniste e Greimas: algumas considerações sobre “eu” e “tu”. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 1-15, maio/ago. 2020. DOI 10.5935/1980-6914/eLETL2012344

Submissão: abril de 2019. **Aceite:** agosto de 2019.

Resumo: Neste artigo reunimos ideias de três autores da Linguística – Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Algirdas Julius Greimas – em torno dos itens lexicais “eu” e “tu”. Tais elementos são chamados de “dêiticos”, pois dependem do contexto de proferimento para serem interpretados. No *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, não foram encontradas considerações explícitas em relação a esses itens. No entanto, algumas passagens indicam a relevância de se estudar a influência contextual sobre a língua. Benveniste, por sua vez, debruça-se sobre os pronomes e afirma ser inconcebível ocorrer enunciação sem que se instale um “eu” e um “tu”. Finalmente, Greimas, ampliando as concepções de Benveniste, afirma que é possível apagar as marcas de pessoa em textos chamados de “enuncivos”.

Palavras-chave: Estrutura. Enunciação. Semiótica. “Eu-tu”. Dêiticos.

* Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil. E-mail: ferraridenergabriel@gmail.com

** Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Aquidauana, MS, Brasil. E-mail: lovania.teixeira@ufms.br

INTRODUÇÃO

■ Não há vida em sociedade sem linguagem, por isso ela sempre será um objeto de estudo atual e muito complexo, pois envolve desde aspectos biológicos (articulação dos sons, sinapses cerebrais, entre outros) até aspectos socioculturais (gêneros específicos de determinadas esferas profissionais, palavras proibidas ou permitidas em certas culturas, entre outros). Por isso, a partir do complexo fenômeno da linguagem, constituímos-nos como sujeitos e como seres humanos, diferenciando-nos das demais espécies.

Sendo assim, muitos autores, linguistas ou não, já se aventuraram, e ainda o fazem, em estudos relacionados à linguagem. Por isso, muitos pontos de vista já foram colocados e ainda são defendidos. Assim, com o intuito de buscar semelhanças e diferenças entre alguns desses autores é que propomos este artigo. Nosso foco está na caracterização dos elementos “eu” e “tu” segundo autores de diferentes vieses de análise linguística, tais como Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste e Algirdas Julien Greimas. Por isso, neste estudo temos como principal objetivo investigar como os elementos “eu” e “tu” (e sua relação) são concebidos por representantes de três grandes correntes da Linguística: o estruturalismo de Saussure, a Linguística Enunciativa de Benveniste e a semiótica greimasiana.

Para isso, o artigo está assim organizado: na primeira seção, expomos alguns trechos do *Curso de Linguística Geral* em que Saussure menciona que o contexto é importante e pode alterar o valor de certas palavras. Na segunda seção, abordamos a teoria da dêixis de Benveniste, mais especificamente a dêixis pessoal, e como essa teoria avança em relação aos pressupostos saussurianos. Na terceira seção, colocamos como a semiótica greimasiana trata dos chamados “actantes da enunciação”, ampliando assim as constatações tanto de Saussure quanto de Benveniste em relação aos itens “eu” e “tu”. E, finalmente, apresentamos as considerações finais.

SAUSSURE – A ABORDAGEM ESTRUTURALISTA

O suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), no *Curso de Linguística Geral*, estabelece a dualidade como característica essencial da Linguística Moderna: significado *versus* significante; língua *versus* fala; diacronia *versus* sincronia; sintagma *versus* paradigma. Sua teoria se enquadra na vertente do estruturalismo, que, segundo Gomes da Silva (2011, p. 86), desenvolve-se com base em “relações diferenciais” e tem como foco o sistema linguístico. Assim, conforme o estruturalismo saussuriano, tudo o que estiver fora desse sistema não é passível de sistematização por conta de sua heterogeneidade. Em consequência disso, Saussure exclui a fala dos estudos linguísticos, já que ela envolve, além do sistema, aspectos extralinguísticos como aqueles relacionados ao ato de enunciação, como o contexto extralinguístico.

A teoria saussuriana instituiu as fundações da Linguística Moderna, estabelecendo-a como ciência pela delimitação de seu objeto de estudo: a língua. Hoje, muitas das concepções saussurianas permanecem em voga, no entanto, muitos de seus preceitos foram ampliados ou modificados dado o expressivo número de pesquisas relacionadas à linguagem humana. Alguns dos autores que se basearam nas concepções saussurianas e, de alguma maneira, as expandiram foram Benveniste e Greimas.

O primeiro autor representa o viés enunciativo da linguística, isto é, propõe uma ampliação do objeto de estudo da Linguística. O segundo, por sua vez, se destaca nos estudos semióticos e desenvolve a noção de signo apresentada em Saussure. Dada a relação que esses três autores e suas respectivas linhas de estudo apresentam, vamos analisar como eles encaram o fenômeno da dêixis na linguagem, especificamente, como analisam o elementos “eu” e “tu” (se o fazem) dentro de suas linhas de raciocínio e de acordo com as correntes teóricas que abraçam.

Nesta parte, focaremos nas ideias possíveis de depreender da teoria de Saussure, especificamente, se o autor menciona algo em relação aos elementos “eu” e “tu”. Ou, então, se atribui alguma relevância ao contexto no *Curso de Linguística Geral*, já que os termos “eu” e “tu” dependem do contexto de proferimento para serem interpretados.

Como Saussure (2006, p. 17) institui o que se chama de linha estruturalista da análise da linguagem, seu foco era o sistema, pois, segundo ele, “[...] somente a língua [e não a fala] parece suscetível a uma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito”. Desse modo, o linguista demonstra que não pretende, nem acha possível analisar elementos ligados à fala. No entanto, fica uma dúvida: como analisar elementos dêiticos sem que se analise o contexto de proferimento de tais elementos? Para mostrar a forte relação entre contexto e língua, considere (1), proferida em uma situação em que se desconhecem os participantes da interação linguística:

1) *Eu disse a você que o preço da gasolina iria aumentar.*

Para interpretarmos a sentença (1), o mínimo necessário é que se saiba quem são os interlocutores envolvidos, ou seja, o falante do contexto que profere a palavra “eu” e o ouvinte do contexto designado pela palavra “você”. Sem essas informações, não conseguimos atribuir significado completo à sentença. Na verdade, sem levar em consideração o contexto do proferimento, parte da fala, no viés estruturalista saussuriano, (1) seria parafraseada somente como (2), em que se tem somente uma descrição do significado dos termos “eu” e “tu”:

2) *O falante do contexto disse ao ouvinte do contexto que o preço da gasolina iria aumentar.*

No entanto, essa não é a interpretação que temos (ou desejaríamos) da sentença (1), pois ainda assim ficaríamos nos questionando sobre quem, exatamente, são o falante e o ouvinte do contexto – elementos essenciais para a compreensão do que foi dito. Nesse ponto da discussão vale observar o conceito de dêitico dado por Perry (1997, p. 594, tradução nossa), que afirma que nesses casos,

[...] é um tipo de acidente, externo ao proferimento, em que o contexto é necessário. Nós precisamos do contexto para identificar qual nome, estrutura sintática ou sentido é usado, pois as mesmas formas e sons são compartilhados por outras palavras, estruturas ou sentidos. No caso dos dêiticos, nós ainda precisamos do contexto depois de determinar quais palavras, estruturas sintáticas e sentidos estão sendo usados. Os sentidos exploram o contexto para realizar as suas funções, a fim de fixar a designação¹.

1 No original: “[...] it is a sort of accident, external to the utterance, that context is needed. We need the context to identify which name, syntactic structure, or meaning is used because the very same shapes and sounds happen to be shared by other words, structures, or meaning. In the case of [dêiticos] we still need context after we determine which words, syntactic structures, and meanings are being used. The meaning exploits the context to perform their function, in order to fix the designation”.

Sendo assim, para o autor, não basta focar na estrutura por si para que consigamos analisar, ou entender, como os falantes fazem uso dos elementos dêiticos, como os itens “eu” e “tu”, precisamos, sim, explorar a informação extralingüística ou contextual².

Apesar de uma análise que considera o contexto e, por isso, os elementos dêiticos da língua, não ser encontrada no *Curso de Linguística Geral*, em certo ponto do texto, Saussure parece tocar em aspectos relacionados aos elementos dêiticos, já que menciona a importância do contexto: “Quando, numa conferência, ouvimos repetir diversas vezes a palavra *Senhores!*, temos o sentimento de que se trata, toda vez, da mesma expressão [...]” (SAUSSURE, 2006, p. 125), mas “Cada vez que emprego a palavra *Senhores*, eu lhe renovo a matéria; é um novo ato fônico e um novo ato psicológico” (SAUSSURE, 2006, p. 126).

Nesses trechos, Saussure indica que a palavra “Senhores” toda vez que é proferida revela *nuances* linguísticas diferentes, mesmo que isso ocorra em contextos similares (local, tempo e falante similares). Esse raciocínio sugere que alguns itens lexicais são mais dependentes do contexto do que outros. Além disso, também indica que Saussure considerava, mesmo que em pequena medida, o contexto de proferimento como um elemento que colabora na construção do significado das expressões linguísticas e, por isso, um aspecto com relevância linguística.

Desse modo, entendemos que a abordagem saussuriana não estava voltada exclusivamente para o sistema e as suas relações internas, pois o autor não se mostrava alheio à colaboração do contexto extralingüístico nas construções linguísticas.

Portanto, é incontestável que as concepções saussurianas foram cruciais para o desenvolvimento dos estudos linguísticos como os fazemos hoje. Além disso, que a teoria de Saussure sobre a linguagem, especificamente as ideias relacionadas à dicotomia língua-fala, deixam claro que o que está fora do sistema linguístico não é passível de sistematização. Desse modo, só a língua deve ser o objeto de estudo da Linguística. No entanto, o autor também deixa transparecer que o contexto de fala, isto é, um elemento fora do sistema, é relevante para a análise de certos itens linguísticos. Essa concepção mostra que, para Saussure, elementos dêiticos como “eu” e “tu”, apesar de serem elementos ligados à fala, são passíveis de análise linguística e que, para fazer isso, é necessário considerar o contexto de proferimento (fala).

BENVENISTE – A LINGÜÍSTICA ENUNCIATIVA

Émile Benveniste (1902-1976) foi um linguista naturalizado francês e, até hoje, é um dos autores mais estudados no Brasil. Suas reflexões são bastante difundidas tanto na esfera dos Estudos da Linguagem como em áreas afins, como a Antropologia e a Psicanálise. Ele se inscreve no estruturalismo, mesma linha teórica de Saussure, mas amplia o enfoque estruturalista saussuriano (conforme veremos nesta seção), pois inclui nos estudos linguísticos aspectos que envolvem, além do sistema linguístico, a enunciação (isto é, a fala) e, por isso, o contexto.

2 Contexto é entendido aqui como um conjunto de elementos mínimos, tais como: falante, ouvinte, tempo e local (cf. KAPLAN, 1989).

Os trabalhos em que Benveniste desenvolve a sua teoria da enunciação são *Problemas de Linguística Geral I* e *Problemas de Linguística Geral II*. Nesses, o autor inclui a fala e o sujeito nos estudos da linguagem, aspectos que até então eram excluídos da Linguística.

De modo geral, segundo Flores *et al.* (2009), projetam-se na obra de Benveniste, no mínimo, três perspectivas:

- Reflexões linguísticas comparatistas e, em especial, relacionadas à obra de Saussure.
- Um trabalho interdisciplinar em que a linguagem tem papel fundamental. O autor faz um diálogo teórico com a Filosofia, a Antropologia, a Sociologia, a Psicanálise, entre outros ramos da ciência.
- A prospecção de uma nova perspectiva linguística e, por isso, uma “nova” Linguística: a Linguística da Enunciação.

O mais importante é que a corrente enunciativa inaugurada por Benveniste propõe como seu objeto de estudo o ato de produção do enunciado e não o enunciado pronto (o produto ou o sistema). Percebemos, então, que os elementos que não receberam atenção de Saussure agora se tornam fundamentais nas análises linguísticas de Benveniste, pois houve ampliação do objeto linguístico na Linguística da Enunciação. Em outras palavras, excedeu-se a concepção de língua enquanto sistema, assumindo-se também os elementos da fala, considerada aqui como “enunciação”. Sendo assim, há uma evolução em relação aos estudos sobre “eu” e “tu”, que não receberam atenção alguma em Saussure, mas que se tornam centrais na teoria benvenistiana.

Segundo Benveniste (1989, p. 80), enunciação é a “colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização” e, portanto, é a instância de mediação entre a língua e o discurso. Fiorin (2017) explica que as categorias que compõem a instância da enunciação são a pessoa, o espaço e o tempo. Assim, a enunciação é a instância do *eu*, do *aqui* e do *agora*, porque, nela, alguém, em um espaço e em um tempo criados pela linguagem, toma a palavra e, ao fazê-lo, institui-se como “eu”, e dirige-se a outrem, que é instaurado como um “tu”. As categorias de pessoa, de espaço e de tempo vão constituir aquilo que Benveniste vai chamar “o aparelho formal da enunciação” (BENVENISTE, 1989, p. 79-88). São essas três categorias linguísticas as responsáveis pela transformação da língua em fala. Fiorin (2017, p. 973) ainda afirma que “assim, [Benveniste] cria um novo objeto para a linguística: o discurso. Até então, a maior unidade de que se ocupava a linguística era o período. O discurso é a produção social da linguagem”.

Em termos de ampliação, como mencionado no início desta seção, Benveniste também é o responsável por analisar o papel do sujeito na linguagem, pois até então os estudos linguísticos não o incluíam: “Foi pensando no homem na língua que vimos aparecer, em Benveniste, um sujeito subjetivado na e pela linguagem, deixando suas marcas no que nos é mais cotidiano, ou seja, no diálogo” (PIRES; WERNER, 2006, p. 158).

Desse modo, Benveniste, ao considerar a enunciação, também insere os itens “eu” e “tu”, em que estamos interessados, nos debates linguísticos, principalmente porque o autor utiliza os pronomes de pessoa como a base de suas concepções vinculadas à enunciação.

Segundo Gomes da Silva (2011, p. 93),

[...] a teoria dos pronomes, mais exatamente a definição de pessoa, representa em Benveniste a pedra de toque, a peça principal à qual se prendem todas as outras. [...] Benveniste não cessou de aludir à questão, ora para observar outros fenômenos linguísticos a sua luz, ora para reinterpretar a sua significação teórica.

Sabe-se que para que exista comunicação é necessário, minimamente, que duas pessoas interajam utilizando um código, isto é, uma determinada língua (aspectos já apontados nos estudos de Roman Jakobson). A interação é uma troca de enunciados, ou seja, a partir de um enunciado do falante A, o falante B produzirá outro enunciado. A partir disso, instaura-se um “eu” e um “tu” da enunciação.

Segundo Gomes da Silva (2011, p. 94), “o eu é aquele que fala e ao mesmo tempo em que fala implica um enunciado sobre ele mesmo”, enquanto isso, o falante B desempenha a função do “tu”, já que:

[...] tu é aquele designado pelo eu e somente pode ser pensado dentro de uma situação proposta a partir do eu, ao mesmo tempo em que eu designa tu, eu enuncia algo como um predicado de tu. A relação entre eu e tu é marcada por uma reciprocidade, ao se constituir como sujeito, eu constitui tu. Tu está implícito ao dizer de eu.

Porém, nem sempre o falante A será o “eu” e o falante B será o “tu” dessa interação, pois seus papéis “[...] são inversíveis, eu pode se tornar tu e tu pode se tornar eu” (GOMES DA SILVA, 2011, p. 94). Nesse ponto é interessante chamar a atenção ao processo de interpretação dos termos dêiticos, especificamente dos itens “eu” e “tu”. Esse processo é bastante diferente daquele relacionado a termos como “carro” ou “céu”, pois estes são facilmente interpretados sem que o contexto seja crucial. Considere as sentenças (3) e (4) apresentadas a seguir:

- 3) A menina lavou o *carro*.
- 4) O *céu* está incrivelmente azul hoje.

Conseguimos, sem dificuldade, interpretar os itens destacados, mesmo não sabendo quem é a menina que lavou o carro, nem em que lugar o céu está incrivelmente azul. No entanto, como já ressaltado na seção 1, com os dêiticos isso não funciona, principalmente com “eu” e “tu”, pois, para interpretar o proferimento contendo esses elementos devemos saber a quem eles se referem. Desse modo, a cada contexto de proferimento, “eu” e “tu” se vestem com novos significados, por exemplo:

- 5) *Eu* estou *aqui*.

Se proferida em Pato Branco (PR) por João, a interpretação será: “João está em Pato Branco”, mas ela pode ser proferida pelo cantor Roberto Carlos no Rio de Janeiro, desse modo, a interpretação será: “Roberto Carlos está no Rio de Janeiro”. Assim sendo, não há como interpretar esses elementos desvinculados do contexto da enunciação.

A teoria de Benveniste, no entanto, não levanta aspectos tão práticos (quem é o indivíduo que enuncia “eu”, por exemplo) da interpretação dos itens “eu” e “tu”, pois ela está interessada em aspectos relacionados à enunciação em um

sentido mais amplo e mais abstrato. Desse modo, para Benveniste, quando o enunciador assume a palavra, ele se constitui no “eu” da enunciação e pressupõe um “tu”, mesmo que não utilize os elementos linguísticos “eu” e “tu” no enunciado. Esse ponto de vista é mais filosófico do que linguístico, porque não analisa especificamente o uso dos itens “eu” e “tu” em termos de referência no mundo e, sim, em termos de instituição do enunciador e do enunciatário na interação. Por exemplo,

6) A gasolina aumentou e o gás também vai aumentar.

Em (5) não há o item “eu”, nem o item “tu” linguisticamente explícitos, mas há um “eu-enunciador” que assume a palavra e, assim, pressupõe um “tu-enunciatário”. Nesse sentido, podemos afirmar que Benveniste também se interessa pela análise de “eu” e “tu” do nível discursivo e não exclusivamente linguístico-referencial.

Para corroborar nosso ponto de vista, citamos Gomes da Silva (2011, p. 94), que aponta que, para Benveniste, uma das relações constitutivas da relação eu-tu é a indissociabilidade: em toda situação de comunicação, existirá um “tu”, pois, se há produção de enunciados, há um “eu” e não se pode pensar uma situação em que exista um “eu” sem que exista um “tu”. Vê-se, assim, que os itens “eu” e “tu”, para Benveniste, são pensados pelo viés discursivo.

Levando novamente em conta o aspecto levantado por Gomes da Silva (2011), podemos pensar que, mesmo em uma situação em que há um único indivíduo envolvido na enunciação, há um “tu” pressuposto. Por exemplo, quando uma pessoa se olha no espelho e enuncia (6),

7) Como estou bonito hoje!

O “tu” envolvido é o próprio indivíduo que utilizou o verbo na primeira pessoa do singular; isto é, nesse caso, a pessoa ocupará tanto a posição de “eu” quanto a de “tu” na enunciação³.

Mas Gomes da Silva (2011, p. 95) também menciona que “[e]mbora *eu* e *tu* constituam a noção de pessoa e possuam em sua natureza inversibilidade e unicidade, essas formas linguísticas são também distintas entre si e se opõem uma à outra”. Nesse ponto, a autora aponta outra oposição entre esses elementos, traçada por Benveniste. Tal oposição chama-se “correlação de subjetividade” e centra-se na oposição entre o “eu” e o “tu”. Segundo Benveniste (2005, p. 255),

O que diferencia “eu” de “tu” é, em primeiro lugar, o fato de ser, no caso de “eu”, interior ao enunciado e exterior a “tu”, mas exterior de maneira que não suprime a realidade humana do diálogo; pois a segunda pessoa [...] é uma forma que presume e suscita uma pessoa fictícia e institui assim uma relação vivida entre “eu” e essa quase pessoa; além disto, “eu” é sempre transcendente em relação

3 Um aspecto a se ressaltar está relacionado ao elemento da enunciação “ele”. Benveniste (2005, p. 250) discute a legitimidade do “ele” como categoria de pessoa e entende que a terceira pessoa “[...] comporta realmente uma indicação do enunciado sobre alguém ou alguma coisa, mas não refere a uma pessoa específica”. Segundo Gomes da Silva (2011, p. 94), para Benveniste, a terceira pessoa não é uma pessoa, e sim, é uma forma verbal que tem como finalidade exprimir a “não pessoa”. Sendo assim, de acordo com Benveniste (2005), “eu” e “tu” possuem natureza diferente daquela do item “ele”: enquanto “eu” e “tu” possuem marca de pessoa, “ele” é desprovido dessa característica.

Cabe aqui apontarmos que, se estivermos diante de um ponto de vista discursivo, “ele” não é relevante na enunciação, por isso, é justamente designado por “ele”. Se estivesse presente na cena enunciativa, ele seria um “tu” e não “ele”. Por exemplo, se alguém está passando pelo quarto de um adolescente e ouve o menino enunciar a sentença (6), do ponto de vista do “eu” (o menino), seu enunciatário ainda é ele mesmo. Ele não tinha intenção nenhuma de que outro alguém estivesse em tal posição discursiva. Desse modo, o indivíduo que escutou o menino é o “ele-discursivo”, pois não faz parte da enunciação.

a “tu”. Quando saio de mim para estabelecer uma relação viva com um ser, encontro ou proponho necessariamente um “tu” que é fora de mim, a única pessoa imaginável.

Assim, o “tu” só é instaurado pelo “eu” e só pode ser concebido a partir do “eu”. O “tu”, como afirma Benveniste (2005), é uma pessoa “não eu”; uma pessoa não subjetiva por oposição ao “eu” que é a pessoa que carrega realmente a marca da subjetividade. Segundo Gomes da Silva (2011, p. 95), “[...] o eu é a pessoa subjetiva, o tu é pessoa não subjetiva”. Além disso, na tese benvenistiana, a pessoa enuncia num determinado espaço e tempo, o que enfatiza a dependência das categorias espacial e temporal à categoria de pessoa. Nesse sentido, as categorias de pessoa são primárias, visto que instauram as demais categorias, quais sejam, a de tempo e a de espaço na enunciação.

Ainda, segundo Gomes da Silva (2011, p. 96), para Benveniste (2005),

A realidade à qual se refere eu e tu é exclusivamente a realidade de discurso, eu não pode ser definido em termos de objeto ou como um signo nominal, mas apenas em termos de locução, somente pode ser identificado pela instância do discurso que o contém, a existência linguística do eu está no ato das palavras que o profere. Não remetem às posições objetivas no espaço e tempo, nem à realidade alguma, pertencem sim à enunciação que é cada vez única.

Nesse trecho, a autora ressalta a concepção enunciativo-contextual dos pronomes “eu” e “tu” na teoria benvenistiana, isto é, somente se institui um enunciador e um enunciatário quando ocorre a enunciação e isso nada tem a ver com a existência de uma entidade concreta que corresponde a esses elementos.

Assim, somente no momento da enunciação “eu” assume seu papel e, em consequência, indica o “tu” da enunciação. Em outras palavras, a autora deixa claro que a concepção de “eu” e “tu” de Benveniste é uma concepção discursiva, e não uma concepção referencial, no sentido de que não é necessário identificar um indivíduo particular no mundo para instituir o “eu” e o “tu” da enunciação. Essa ideia é originalmente observada no seguinte trecho de Benveniste (2005, p. 278):

As instâncias de emprego de eu não constituem uma classe de referência, uma vez que não há objeto definível como eu ao qual se possam remeter identicamente essas instâncias. Cada eu tem a sua referência própria e corresponde cada vez a um ser único, proposto como tal [...] Eu significa “a pessoa que enuncia a presente instância do discurso que contém eu”. Instância única por definição e válida somente na sua unicidade.

Gomes da Silva (2011, p. 97) reafirma a concepção de Benveniste ressaltando que “[...] ‘eu’ e ‘tu’ são signos vazios que se tornam plenos quando são assumidos pelo locutor em cada instância do discurso [...] A sua referência é a situação única da enunciação”. Eis aí o ponto crucial dos elementos “eu” e “tu”, conforme a Linguística Enunciativa de Benveniste: eles somente adquirem significação quando utilizados/enunciados/proferidos por indivíduos. Desse modo, sua natureza é diferente da de outros signos linguísticos que são plenos, como os nomes e os verbos, por exemplo.

Flores *et al.* (2008, p. 40) também afirmam que Benveniste concebe os dêiticos como categorias vazias:

O mecanismo da dêixis está marcado na língua e é colocado em funcionamento cada vez que o sujeito a enuncia. Assim, os dêiticos, embora possuam um lugar na língua, são categorias vazias e subjetivas porque, sendo signos concretos somente adquirem estatuto pleno na e pela enunciação de “eu”.

Desse modo, podemos dizer que os elementos dêiticos, especialmente “eu” e “tu”, são os elementos típicos da linguagem que mostram que a língua só adquire significação quando efetivamente utilizada. Nesse sentido, eles são cruciais para a Linguística da Enunciação de Benveniste (2005, p. 289), afinal, para o autor,

A linguagem é, pois, a possibilidade da subjetividade pelo fato de conter sempre as formas linguísticas apropriadas à sua expressão; e o discurso provoca a emergência da subjetividade, pelo fato de consistir de instâncias discretas. A linguagem de algum modo propõe formas vazias das quais cada locutor em exercício de discurso se apropria e as quais referem à sua “pessoa”, definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como eu e a um parceiro como tu. A instância de discurso é assim constitutiva de todas as coordenadas que definem o sujeito das quais apenas designamos sumariamente as mais aparentes.

Na teoria de Benveniste, de acordo com Pires e Werner (2006), ocorre a junção entre a realidade e a subjetividade, e o elo entre ambas se dá pela dêixis. Para as autoras:

[...] o fenômeno dêitico mostra quem fala e com quem fala (locutor-alocutário), a situação da enunciação, tempo e espaço desses falantes. Para Benveniste, os elementos da dêixis são principalmente os pronomes pessoais e, após, os pronomes demonstrativos, os advérbios e ainda o verbo, que é a classe de palavras mais “solidária” aos pronomes. A dêixis comporta, portanto, a categoria de pessoa, de espaço e de tempo (PIRES; WERNER, 2006, p. 157).

Barthes (1988) resume a essência da contribuição de Benveniste para a Linguística e como a relação eu-tu na enunciação é essencial para as análises linguísticas. Segundo o autor,

[...] Benveniste amplia consideravelmente a noção de shifter, lançada com brilho por Jakobson; ele funda uma linguística nova, que não existe em nenhum outro autor (e muito menos em Chomsky): a linguística da interlocução; a linguagem, e, portanto, o mundo inteiro, articula-se sobre essa forma eu-tu (BARTHES, 1988, p. 182).

Assim, entendemos que o contexto dêitico a que se refere Benveniste não é extralinguístico; ele é muito mais discursivo, pois está centrado na ideia de que é a enunciação que instaura o “eu” e o “eu” que instaura o “tu”. Nesse sentido, o contexto é, sim, subjetivo, isto é, o sujeito está na linguagem deixando suas marcas, mesmo que de maneira pressuposta. Tal maneira não é explícita linguisticamente, ou seja, o sujeito pode não utilizar os itens “eu” e “tu” para esse objetivo.

RELAÇÃO EU-TU PARA A SEMIÓTICA GREIMASIANA

Nesta seção, procuramos entender como a semiótica greimasiana (semiótica do discurso ou semiótica francesa) trata os elementos “eu” e “tu” em suas análises. A semiótica greimasiana tem como objeto o texto. E, segundo Matte e Lara (2009, p. 341),

[...] embora beba nas fontes antropológica e fenomenológica, a semiótica é, sim, em grande parte, estrutural e de inspiração hjelmsleviana. Não se manteve, no entanto, num puro formalismo – apreendendo o sentido via suas descontinuidades e centrando-se na análise das estruturas enunciadas, independentemente do sujeito da enunciação.

Sendo assim, as autoras defendem que a semiótica greimasiana é uma “semiótica linguística” que se origina de Saussure. Nesse sentido, ela não se afasta das análises estruturais linguísticas. Na verdade, leva em conta tais estruturas enunciadas, isto é, a língua posta em uso. Podemos afirmar, então, que a semiótica greimasiana é, em certa medida, estruturalista, e, além de levar em conta o enunciado, também tem um viés semântico, já que se preocupa também com o sentido.

Segundo Fiorin (2017), Greimas herdou uma teoria da enunciação de Benveniste e a reformulou e a ampliou. Nesse sentido, Greimas deu uma dimensão à teoria de Benveniste que não estava neste autor, pois passou também a analisar o nível semântico da enunciação. Em poucas palavras, Greimas analisa a significação do discurso, manifestado em textos, e adota o conceito de enunciação de Benveniste, aplicando-o ao discurso.

Como vimos, Matte e Lara (2009, p. 340) defendem que a semiótica greimasiana é uma semiótica linguística, pois toma o texto como objeto de análise. E,

Tomando, assim, o texto como objeto de significação, a semiótica se preocupa em estudar os mecanismos que o engendram, que o constituem como um todo significativo. Em outras palavras: procura descrever e explicar o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz, examinando, em primeiro lugar, o seu plano de conteúdo, concebido sob a forma de um percurso global que simula a “geração” do sentido. Ao priorizar o estudo dos mecanismos intradiscursivos de constituição do sentido, a semiótica não ignora que o texto é também um objeto histórico, determinado na sua relação com o contexto (tomado em sentido amplo). Apenas optou por olhar, de forma privilegiada, numa outra direção.

Observamos que as autoras ressaltam que a semiótica greimasiana analisa como se dá a geração de sentido ou o percurso gerativo do texto. Segundo Fiorin (2006, p. 73-74),

O percurso gerativo é um simulacro metodológico das abstrações que o leitor faz ao ler um texto. Se se toma uma fábula, como O lobo e o cordeiro, e se fica na manifestação textual, ela não faz sentido. É completamente despropositada a história do lobo que apresenta razões para devorar o cordeiro. Quando se faz uma abstração e a fábula é percebida como uma história de homens, em que o mais forte sempre encontra razões para exercer seu domínio sobre o mais fraco, então ela faz sentido.

A geração de sentidos envolve a enunciação e, conforme Fiorin (1996, p. 36) ressalta, Greimas e Courtés (2013, p. 127) concebem a enunciação como “[...] instância de mediação, que assegura a discursivização da língua, que permite a passagem da competência à *performance*, das estruturas semióticas virtuais às estruturas realizadas sob a forma do discurso”. Desse modo, observa-se que a enunciação é a instância constitutiva do enunciado e, por isso, ela é a “[...] instância linguística logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que comporta seus traços e suas marcas)” (GREIMAS; COURTÉS, 2013, p. 126).

Para Greimas e Courtés (2013, p. 123), então, o enunciado é entendido como o estado que resulta da enunciação, independentemente de suas dimensões sintagmáticas. Isto é, um enunciado não tem um tamanho definido desde que tenha significação. Por exemplo, a enunciação de um item lexical como “Fogo!” ou uma interjeição como “Ai!” são considerados enunciações, já que são completamente significativos em contextos específicos, como quando alguém sai correndo de uma sala e enuncia a palavra “fogo”, ou quando alguém dá uma topada em um móvel e enuncia o item “ai”.

Isso nos leva a concluir que o enunciado também é constituído por elementos que remetem à instância da enunciação, como os elementos dêíticos (pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, advérbios, entre outros).

Segundo Fiorin (1996, p. 36), a eliminação desse tipo de elemento produz os textos chamados de “textos enuncivos”, isto é, textos sem marcas de enunciação. Ainda segundo ele,

Como a pessoa enuncia num dado espaço e num determinado tempo, todo espaço e todo tempo organizam-se em torno do “sujeito”, tomado como ponto de referência. A partir do espaço e do tempo da enunciação, organizam-se todas as relações espaciais e temporais. Porque a enunciação é o lugar de instauração do sujeito e este é o ponto de referência das relações espaço-temporais, ela é o lugar do ego, hic et nunc (FIORIN, 2006, p. 81).

Como nosso interesse recai sobre os elementos “eu” e “tu” na enunciação, que são elementos de pessoa, tomamos o que aponta Fiorin (2006). Ele especifica que há dois mecanismos de instauração de pessoas (espaços e tempos) no enunciado: a debreagem e a embreagem. Debreagem é a operação em que a instância de enunciação disjunge de si e projeta para fora de si certos termos ligados à sua estrutura de base, com vistas à constituição dos elementos fundadores do enunciado, isto é, pessoa, espaço e tempo.

Nesse sentido, se a enunciação é a instância da pessoa, do espaço e do tempo, há uma debreagem actancial, uma debreagem espacial e uma debreagem temporal. A debreagem consiste, pois, em um primeiro momento, em disjuntir do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar no enunciado um “não eu”, um “não aqui” e um “não agora”. Como nenhum “eu”, “aqui” ou “agora” inscritos no enunciado são realmente a pessoa, o espaço e o tempo da enunciação, uma vez que esses são sempre pressupostos, a projeção da pessoa, do espaço e do tempo da enunciação no enunciado é também uma debreagem.

Segundo Fiorin (2006, p. 85),

Ao contrário da debreagem, que é a colocação fora da instância de enunciação da pessoa, do espaço e do tempo do enunciado, a embreagem é “o efeito de retorno à enunciação”, produzido pela neutralização das categorias de pessoa e/ou espaço e/ou tempo, assim como pela denegação da instância do enunciado. Como a embreagem concerne às três categorias da enunciação, temos, da mesma forma que no caso da debreagem, embreagem actancial, embreagem espacial e embreagem temporal. A embreagem actancial diz respeito à neutralização na categoria de pessoa. Toda embreagem pressupõe uma debreagem anterior. Quando o Presidente diz “O Presidente da República julga que o Congresso Nacional deve estar afinado com o plano de estabilização econômica”, formalmente temos uma debreagem enunciva (um ele). No entanto, esse ele significa eu.

Assim, uma debreagem enunciativa (instalação de um eu) precede a embreagem, a saber, a neutralização da oposição categórica eu/ele em benefício do segundo membro do par, o que denega o enunciado. Denega justamente porque o enunciado é afirmado com uma debreagem prévia [...]. Negar o enunciado estabelecido é voltar à instância que o precede e é pressuposta por ele. Por conseguinte, obtém-se na embreagem um efeito de identificação entre sujeito do enunciado e sujeito da enunciação, tempo do enunciado e tempo da enunciação, espaço do enunciado e espaço da enunciação.

Em poucas palavras, segundo Fiorin (2006), quando as marcas de pessoa não estão presentes na superfície textual, temos a debreagem enunciativa; quando elas estão presentes, com “eu” e “tu” explícitos, temos a debreagem enunciativa.

Scoparo, Miqueletti e Limoli (2015, p. 396) ressaltam que, para a semiótica greimasiana, a linguagem não é mera transmissão de um saber sobre o eixo eu/tu, mas se desenvolve para si mesma, isto é, possui uma organização interna própria. Ainda segundo os mesmos autores, para a semiótica,

[...] não importam os sujeitos de “carne e osso”, mas o todo de sentido que, na construção textual, permite o surgimento de determinadas imagens a partir dessa confluência entre a projeção do “eu” que tem em vista a adesão de um “tu” pressuposto. Enunciador e enunciatário são corresponsáveis pela comunicação (SCOPARO; MIQUELETTI; LIMOLI, 2015, p. 398).

Como observamos, e como afirmam Scoparo, Miqueletti e Limoli (2015), para a semiótica greimasiana, basicamente, quando tratamos de “eu” e “tu”, designamos actantes da enunciação, posições dentro da cena enunciativa, de tal forma que, quando falamos em “eu” e “tu”, estamos falando, respectivamente, das posições de enunciador e enunciatário. A semiótica greimasiana, assim como a Linguística da Enunciação de Benveniste, não se preocupa com a referência concreta (objeto/indivíduo no mundo) dos elementos enunciativos como “eu” e “tu” e, muito menos, quais os processos que levam os falantes a ligarem o item linguístico a determinado indivíduo no mundo.

Greimas e Courtés (2013) sustentam que a situação de enunciação é inatingível na análise, pois o momento concreto de produção do texto não é reconstruível e o sujeito da enunciação é “uma instância lógica” pressuposta do enunciado. Desse modo, o único ponto que pode ser analisado é o simulacro da enunciação, isto é, suas marcas no texto. Nesse contexto, nem os próprios actantes da enunciação, quais sejam, o enunciador e o enunciatário, não são diretamente acessíveis, e sim, eles se reconstróem a partir de marcas deixadas no enunciado, segundo Courtés (1991).

Segundo Volli (2007, p. 138), quando se pensa na abordagem de Greimas,

No que se refere à categoria de pessoa, os morfemas “eu” e “tu” correspondem aos actantes da enunciação (enunciador e enunciatário); o seu simulacro no texto produz uma forma discursiva chamada enunciação enunciada, como ocorre nas narrativas em primeira pessoa ou nos diálogos. Elementos linguísticos como os pronomes pessoais e possessivos, os advérbios, os dêiticos espaciais e temporais, os verbos performativos simulam no texto a atividade da enunciação. Outros morfemas, por exemplo, os nomes próprios (Paulo e Maria), correspondem aos actantes do enunciado, instauram uma forma de discurso

objetivo, que produz um efeito de ilusão referencial (isto é, parece que se referem a pessoas e coisas externas ao texto, pertencentes ao mundo externo à comunicação).

Para Volli (2007, p. 140), os elementos linguísticos diferenciam-se conforme o tipo de referência a que remetem. Eles podem:

1. Referir seu significado no contexto externo extralinguístico, isto é, remetem a elementos do mundo natural.
2. Referir seu significado no contexto do enunciado, isto é, remetem a elementos anteriores do texto com relação ao enunciado (anafóricos).
3. Referir-se à enunciação (dêiticos).

Ainda segundo o autor, desse modo, os nomes próprios possuem significado estável e externo, enquanto os pronomes “eu” e “tu” se definem somente em relação ao ato de enunciação, porque assumem uma referência diferente em cada situação do discurso. Do mesmo modo, cada elemento linguístico produz *efeitos enunciativos*: a forma discursiva que usa os nomes próprios ao eliminar a referência à enunciação constrói um simulacro de um referente externo e parece, por isso, mais objetiva e produz um efeito de realidade; o uso de pronomes pessoais, por outro lado, constrói no texto a referência à instância da enunciação e parece, em consequência, mais subjetiva e produz efeito de presença.

Portanto, como podemos notar, a semiótica greimasiana também concebe “eu” e “tu” como elementos de uma ontologia discursiva. Nesse contexto, não importam os indivíduos concretos que são o enunciador e o enunciatário do discurso, semelhante ao que propõe Benveniste. Mas, em relação a esse autor, há um grande avanço principalmente em relação à amplitude dos estudos linguísticos, pois Greimas utiliza as ideias sobre a enunciação, mas as estende para o texto e aliando a elas uma concepção semântica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Saussure, o fundador da Linguística Moderna, é conhecido como o autor que exclui da Linguística os estudos dos aspectos relacionados à fala, visto que esses elementos não são passíveis de sistematização, segundo ele. Por isso, é difícil encontrarmos no *Curso de Linguística Geral* aspectos que demonstrem concepções sobre os elementos dêiticos da linguagem, principalmente os que se referem aos itens linguísticos ligados à categoria de pessoa, como “eu” e “tu”.

Mesmo assim, a partir de algumas passagens, vimos que Saussure considera que o contexto de produção da língua é importante para a interpretação de certas palavras (o autor cita a palavra “Senhores”). Sendo assim, o contexto também parece ser relevante nas análises linguísticas. Em outras palavras, apesar de Saussure não mencionar os itens “eu” e “tu”, ele aponta que a palavra “senhores” representa um conjunto diferente de pessoas toda vez que é proferida, isto é, que para analisar alguns itens linguísticos é necessário olharmos também para o contexto de produção – aspecto da fala.

As proposições de Benveniste para a Linguística da Enunciação concebem os pronomes “eu” e “tu” como fatos de linguagem, pertencentes à mensagem (fala) – às categorias do discurso – e não apenas como pertencentes ao código

(língua) – às categorias da língua – como considerava Saussure. Com isso, Benveniste amplia o enfoque estruturalista saussuriano e caminha na mesma direção de Jakobson.

Em suma, Benveniste insere o sujeito e a enunciação (isto é, a fala) nos estudos linguísticos. Além disso, percebe-se que a concepção de “eu” e “tu” benvenistiana é de cunho discursivo, pois, segundo o autor, a enunciação institui o “eu” e o “eu” institui o “tu”. Essa ideia é independente:

1. da ocorrência dos itens linguísticos em questão na superfície linguística;
2. da existência concreta de um indivíduo no mundo que usa o item “eu” e se refere a um “tu” concreto.

A semiótica greimasiana é herdeira das concepções de Benveniste. Por isso, a teoria de Greimas considera a enunciação uma instância de mediação entre a língua e a fala e uma instância de instauração do sujeito. Dessa forma, de um lado, a semiótica greimasiana amplia o alcance dos estudos da enunciação para além da frase, isto é, para o texto e para o discurso.

Adicionalmente, Greimas preocupa-se com o percurso gerativo de sentido do texto; desse modo, sua abordagem tem um viés semântico. Em relação aos elementos “eu” e “tu”, para o autor é possível (ao contrário da concepção de Benveniste) eliminar as marcas enunciativas, isto é, as marcas de “eu” e “tu” do texto, o que gera os chamados “textos enuncivos” (textos sem marca de enunciação). Mas, de modo similar a Benveniste, Greimas afirma que não importam os sujeitos concretos para a determinação ou não dos itens “eu” e “tu” no texto.

SAUSSURE, BENVENISTE AND GREIMAS: SOME CONSIDERATIONS ABOUT “I” AND “YOU”

Abstract: In this paper we collect conceptions of three linguists – Ferdinand de Saussure, Émile Benveniste and Algirdas Julius Greimas – around the items “I” and “you”. Such elements are called “deictic”, because they depend on the context of utterance to be interpreted. We do not find in the *Course of General Linguistics* considerations about them. We note, however, that Saussure think is relevant to study contextual influence in language. For Benveniste, it is inconceivable occur enunciation without establish an “I” and a “you”. Finally, Greimas, extending Benveniste’s conceptions, affirms that it is possible to erase marks of person in some texts that he called “enuncives”.

Keywords: Structure. Enunciation. Semiotics. “I-you”. Deictics.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. *O rumor da língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. Campinas: Pontes Editores, 1989. v. II.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral*. 5. ed. Campinas: Pontes Editores, 2005. v. I.
- COURTÈS, J. *Analyse sémiotique du discours: de l'énoncé à l'énonciation*. Paris: Hachette, 1991.

- FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 1996.
- FIORIN, J. L. Enunciação e semiótica. *Letras*, Santa Maria, n. 33, p. 69-97, 2006.
- FIORIN, J. L. Uma teoria da enunciação: Benveniste e Greimas. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 44, p. 970-985, 2017.
- FLORES, V. et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- FLORES, V. et al. *Dicionário da linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.
- GOMES DA SILVA, D. L. Benveniste-Saussure: para além da ordem do dois? *ReVEL*, Porto Alegre, v. 9, n. 16, p. 86-111, 2011.
- GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. Tradução de Alceu Dias Lima et al. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- KAPLAN, D. Demonstratives: an essay on the semantics, logic, metaphysics, and epistemology of demonstratives and other indexicals. In: ALMOG, J.; PERRY, J.; WETTSTEIN, H. (ed.). *Themes from Kaplan*. New York: Oxford University Press, 1989. p. 481-563.
- MATTE, A. C. F.; LARA, G. M. P. Um panorama da semiótica greimasiana. *Alfa Revista de Linguística*, São Paulo, v. 53, n. 2, p. 339-350, 2009.
- PERRY, J. Indexicals and demonstratives. In: HALE, B.; WRIGHT, C. (ed.). *A companion to the philosophy of language*. Oxford: Blackwell Publishing, 1997. p. 586-612.
- PIRES, V. L.; WERNER, K. C. G. A dêixis na teoria da enunciação de Benveniste. *Letras*, Santa Maria, n. 33, p. 145-160, 2006.
- SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCOPARO, T. R. M. T.; MIQUELETTI, E. A.; LIMOLI, L. Publicidade: a construção do *éthos* do enunciador. *Signótica*, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 395-412, 2015.
- VOLLI, U. *Manual de semiótica*. São Paulo: Loyola, 2007.